

A TRANSFORMAÇÃO DA PORNOGRAFIA

Matias López Martínez*

Cite este artigo: MARTINEZ, Matias López. A transformação da pornografia. **Revista Habitus:** revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p.56-68, dez. 2009. Semestral. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: 29 dez. 2009.

Resumo: O presente trabalho tem por objeto a imagem pornográfica, especificamente a vinculação nos meios audio-visuais. A discussão se dá em torno dos conceitos de Román Gubbern e Anthony Giddens, em contraste com estudos na área de psicologia social. O objetivo é forjar uma plataforma teórica mínima que nos permita estudar o consumo e significado social da pornografia. O artigo é uma crítica à análise moralista da pornografia. É igualmente um estudo na área da cinematografia, na medida em que estabelece o lugar da pornografia como gênero cinematográfico.

Palavras chave: pornografia, cinema, Román Gubbern, Anthony Giddens, internet.

1. Introdução

A pornografia ganhou lugar destacado na sociedade americana no final dos anos setenta e início dos anos oitenta com o grande êxito de longas comerciais nas salas de cinema e, logo, no mercado domiciliar com o vídeo. Filmes como *Garganta Profunda* (1972) causaram furor e puseram a indústria pornográfica em novo patamar no mercado do entretenimento. Resultou disso um *star system* próprio do gênero com atores como John Holmes, famoso pelo seu pênis de trinta e seis centímetros. Este processo surge hoje no Brasil, porém de forma diferenciada. A migração de personalidades da televisão para o meio pornográfico está construindo um novo *star system* brasileiro e a oferta de inúmeros novos títulos está à vista. Estes novos atores aparecem constantemente nos meios de comunicação e esta migração para o meio pornográfico parece estar se consolidando como uma opção a mais, socialmente aceitável, de trabalho no áudio-visual.

Para entender as motivações do consumidor de filmes pornográficos proponho um diálogo entre história e sociologia através dos autores Anthony Giddens e Román Gubbern, cujos trabalhos me motivaram a pesquisar o tema. Entretanto, estes autores apresentam-nos algumas soluções e novos problemas, principalmente se o foco é a nova pornografia em construção com advento da rede mundial de computadores.

A exposição e consumo de material pornográfico encontra-se hoje em pleno processo de transformação e podemos dizer que seu lugar em sociedade não é o mesmo que era à época em que foram escritos *A transformação da intimidade* de Giddens e a *La imagen pornográfica* de

Gubern. Para procurar o novo perfil do consumidor e os novos aspectos socialmente relevantes da exposição de pornografia fiz um árduo passeio por mais de cem sítios em internet, nas línguas inglesa e portuguesa, e o resultado desta análise comparativa está na totalidade de texto. Todas as propostas apresentadas surgem dessa análise empírica de material pornográfico.

Trata-se de um ciclo de produção e consumo de mercadorias que, se por um lado é velado na superfície das relações sociais por uma aparente inaptidão para com os valores morais do ocidente, por outro, é estimulado por uma demanda cada vez maior, por debaixo da superfície. A virtualidade que o consumidor encontra na internet faz com que este possa consumir a construção pictórica de suas fantasias sexuais sem que, para a sociedade, esta atividade haja ocorrido de forma perceptível.

A expansão do capital pode encontrar barreiras de ordem moral. Estas barreiras podem ser consolidadas juridicamente, o que ocorreu com a pornografia, até hoje regulamentada e restringida, por exemplo, ao consumo e trabalho apenas por maiores de idade. A reprodução do capital, ao deparar-se com essa barreira, não cessa, pois seu motor não se afoga com um mecanismo tão simples e burocrático. Passa então a dar-se em um diferente ciclo de reprodução, um ciclo submerso. Hoje a pornografia é legal (com restrições) na maior parte dos países do ocidente, no entanto, o seu consumo ainda é velado, pois o simples fato de ser legal não implica em ser aprovado pelo conjunto total dos agentes sociais. A disponibilidade para o consumo se choca com uma restrição moral, sem que isto detenha o crescimento deste mercado. Sendo a atividade capitalista uma *ação social racional relativa a fins*, encontra fim na reprodução de capital em si mesma. Havendo demanda, haverá sempre a saciação por parte da produção capitalista. Notamos aqui duas linhas de desenvolvimento do consumo, uma à superfície das relações sociais mantidas pelos agentes e outra por debaixo, capaz de representar um campo aberto para a reprodução do capital e de novas e complexas relações.

2. Pornografia: imagem e conceito

A psicóloga social Diana Russel, feminista sul-africana residente nos Estados Unidos, concentrou-se no estudo da pornografia ligada à violência contra a mulher. Para Russel estes são dois campos inseparáveis, o que a levou à seguinte conceituação: *“I define pornography as material that combines sex and/or the exposure of genitals with abuse or degradation in a manner that appears to endorse, condone, or encourage such behavior.”* (RUSSEL, 1994).

A associação necessária com a degradação e incentivo à violência traz um problema: trabalha em uma esfera de significado que não engloba o produto em si e por si e tampouco o espectador ao qual se destina, abarcando somente questões mais complexas como moralidade e ideologia. A pornografia de fato existe, é produzida e consumida, portanto, faz parte da sociedade e deve ser estudada abdicando-se de *pré-noções* para que seja possível encontrar seu significado social.

A proposta de Russel quanto à definição de pornografia em seu artigo, *pornography as cause of rape*, é coerente com uma postura de engajamento político-militante. No entanto, esta definição interessada deve ser problematizada.

Poderíamos, em tese, descartar o segundo aspecto dessa definição, que diz respeito à moral e ideologia, e aproveitar somente o primeiro: a exibição de sexo e genitais. No entanto, deparamo-nos com outro problema. Caso a aceitássemos, transformaríamos qualquer livro escolar de biologia em material pornográfico, além de inúmeras obras televisivas, cinematográficas e até mesmo religiosas que, em princípio, não se destinam a tal fim. Pensemos então na pornografia como um gênero relativo ao entretenimento.

3. A pornografia como gênero cinematográfico

Não é possível classificar a pornografia apenas como um gênero caracterizado pela simples exposição de cenas de sexo explícito ou de órgãos genitais. Para justificar esta posição será ilustrativo para nós recorrermos ao filme *O Império dos Sentidos* (1976), de Nagisa Oshima. No longa japonês conta-se a história de Sada, empregada de um albergue que mantém relações sexuais intensas com o seu patrão, usando como artifício de prazer o intercalo de atividade sexual e asfixia por meio do enforcamento, até leva-lo à morte como forma máxima de orgasmo.

As cenas de sexo apresentadas por Oshima são reais e, portanto, contrariam o estudioso do cinema André Bazin, que afirmou uma vez ser o ato sexual impedido de ser consumado frente às câmeras, já que isso equivaleria a “num filme policial, se matar verdadeiramente a vítima”. No entanto, *O Império dos Sentidos* não pode ser considerado um filme pornográfico pelo simples fato de possuir em seus rolos cenas de sexo explícito. As cenas de sexo no filme são angustiantes e revelam o contexto de ocidentalização do Japão (se passa em 1936) e de inversão dos valores nacionais. Portanto, o sexo, neste caso, é simplesmente ilustrativo e não provoca, no espectador, a reação normalmente atribuída à pornografia.

Ora, talvez possamos dizer, continuando com o exemplo do cinema, que os gêneros de filmes se caracterizam pela reação esperada do espectador. Um filme de terror é o que têm por intuito aterrorizá-lo e uma comédia inspira-lo ao riso, independente do conteúdo pictórico que possuam. Assim, temos que um filme pornográfico deve ser aquele que provoca a excitação sexual por parte do espectador.

Esta conceituação, entretanto, permanece insuficiente para nós. Embora seja aceita em muitos artigos que tratam do tema, temo que, com ela, incluímos no gênero “pornografia” uma enorme gama de filmes chamados “eróticos”. Assim, o filme protagonizado por Jane Fonda, *Barbarella* (1968), seria considerado pornográfico. Um filme, de qualquer gênero, pode apresentar cenas que excitam o espectador momentaneamente para logo romper com esse clímax, ou mesmo usar os dotes naturais de sensualidade de uma determinada atriz ou ator em seu favor para construir um enredo fílmico em qualquer gênero.

Uma solução possível para este dilema é entender a pornografia como a confecção de imagens cujo objeto é o sexo e o intuito deliberado é o de induzir o observador à excitação sexual e à masturbação ou mesmo ao sexo (em caso de uso por casais ou em estabelecimentos especificamente voltados ao comércio ou socialização sexual).

Ao cometermos a rebeldia de incluir na descrição da imagem pornografia a relação necessária desta com a excitação e ação sexual, trazemos à tona uma série de outros diferenciais que derivam desta simples colocação. O cinema continua aqui a ser um bom ponto de partida para nossa reflexão - embora seja factual que os teóricos deste campo não se dedicam com muito entusiasmo a esta questão.

Um filme qualquer, seja uma produção da costa Oeste americana, seja cinema independente Latino-Americano, obedece a certas regras mínimas, caso contrário não é um filme. A confecção de imagens em seqüência nos moldes do cinema ganhou status de arte, a única das seis artes plenas vislumbradas por Canudo [1] embrionada dentro do sistema capitalista. No entanto, a literatura e crítica cinematográficas não concedem o mesmo lugar à pornografia.

Um cineasta parte sempre da idéia de que o espectador estará passivo frente à tela, caso contrário, a linguagem se torna inviável. O cineasta trabalha o tempo, através dos diferentes mecanismos disponíveis, mas principalmente com o uso quase matemático (idealizado por Einsentein, Kulechov e Cia) da montagem. Essa teorização está voltada exclusivamente à percepção visual, sendo a visão e a audição (posteriormente, com o surgimento do cinema sonoro) os únicos sentidos a serem manipulados de forma a conseguir do espectador a reação desejada.

Se, em uma palma, temos o cinema e estes conceitos clássicos, em outra temos a pornografia e a necessidade de voltar a teorizar sobre a imagem. Um filme pornográfico também deve obedecer a certas regras, caso contrário não é um filme pornográfico. Este gênero parte da premissa oposta à do cinema tradicional, pois é característica determinante a intenção da seqüência de imagens de excitar sexualmente o espectador, instigando-o a ação sexual.

Ora, está igualmente claro que tanto as revistas como os filmes desse gênero são mercadorias, portanto, fruto do trabalho socialmente otimizado. Assim, desfrutar delas constitui também uma relação social.

Complexa, pois a masturbação em si constitui (ao menos para o homem) uma ação biologicamente fundamentada. O professor Dolf Zillman (da Universidade de Indiana), psicólogo social, em outra oportunidade, explica o interesse masculino pela pornografia como um reflexo de uma tendência biológica do macho humano. Sua obsessão pelo sexo estaria ligada à necessidade original de copular com o máximo possível de fêmeas, sendo estas geneticamente inclinadas à relação oposta: selecionar com cuidado um provedor de bons genes. Não podemos, no entanto, perder de vista o fato de que o homem vive em sociedade, que seu comportamento não pode ser explicado da mesma forma que o de uma vaca ou camelo. Tendo a pornografia surgido em sociedade, a razão de sua existência não pode ser outra se não uma razão social.

Juntamente ao professor Jennings Bryant (da Universidade de Houston), Dolf Zillman faz um alerta à população sobre a relação entre o consumo de material pornográfico e as crises conjugais, alegando que este causa uma perda de interesse pelo parceiro e provoca adicção. Ora, parece-me que esses doutores tomam causa por conseqüência.

É preciso compreender a pornografia hoje como fruto de um processo histórico-social e dar-se conta que a oferta e formato desse tipo de material apresentam uma disparidade tão grande ao longo dos últimos cem anos que é simplesmente impossível retermo-nos a análises tão simplistas.

O equívoco destes estudos não está em perceber a aparição de problemas sexuais, como o desinteresse pelo(a) parceiro(a) e a compulsão, mas em ignorar as mudanças em transcurso na sociedade que permitem que estes problemas se expressem mais claramente. Anthony Giddens já havia se dado conta desta questão em *La transformación de la intimidad*, vejamos: “*La ansiedad masculina sobre la sexualidad quedó mucho tiempo oculta a la vista, mientras estaban vigentes las diversas condiciones sociales que la protegían*”.

É mister afirmar que não se pode atribuir a gestação dos problemas sociais a partir do ponto na história em que estes se tornam mais evidentes, caso contrário, teríamos de aceitar que as distintas reações humanas em sociedade se dão de forma *sui generis* ou promovidas por forças únicas, facilmente detectáveis. Queimemos toda a pornografia do mundo e estaremos novamente satisfeitos com a instituição matrimonial!

4. O significado da pornografia e os filmes snuff

O leitor deve pensar aqui, com razão, ser fácil repousar sobre tudo aquilo que não devemos considerar válido, a dificuldade está em gerar um entendimento satisfatório sobre a questão. Qual o verdadeiro sentido que a presença de material pornográfico na sociedade capitalista representa para a ciência social? Esta é a grande questão.

A abordagem de A. Giddens constrói uma rede de significado unindo a emancipação gradual da mulher e o maior consumo de pornografia por parte dos homens. O argumento é simples: o homem heterossexual, em um lugar de igualdade com o sexo oposto, encontra na pornografia um refúgio onde ainda se apresenta uma ordem (mesmo que fictícia) nostálgica em que a mulher lhe é submissa. Por isso o alto grau de violência simbólica (e real) empregado nesses filmes.

Entretanto, a visualização da atividade sexual excita tanto o homem como a mulher. Seá correto afirmar que as mulheres não apreciam a imagem pornográfica? Levemos em conta que freqüentemente essas imagens estão trabalhadas sob uma perspectiva masculina. O gênero pornográfico esteve sempre voltado quase exclusivamente para o público masculino, que o consome vorazmente. Nas relações sexuais apresentadas em vídeos pornográficos ou imagens fixas (fotos ou gravuras) a perspectiva do prazer masculino é evidente. De fato, muitas vezes as mulheres sequer alcançam o orgasmo e estão constantemente realizando posições insólitas, verdadeiras façanhas eróticas, que resultam no prazer exclusivamente masculino, regurgitando

ao levar o pênis à garganta, sendo penetradas por vários homens simultaneamente, etc. Todos esses aspectos convergem em um fator comum que é a submissão da mulher ao poder sexual do homem, que excita o último intensamente.

A submissão da mulher, nesse caso, é ainda reforçada por características peculiares do gênero. A “trama”, na maioria absoluta dos filmes, tem início e se encerra por motivo do prazer masculino. As relações sexuais apresentadas são construídas por “cenas excessivamente estandardizadas” (GIDDENS, 2004), tendo início em uma relação oral em benefício do homem, através da qual a mulher já se mostra excitada, pelo simples fato de agradá-lo. Assim, Román Gubern resalta em *La imagen pornográfica* que o prazer sexual da mulher é simplesmente anulado ou posto em função do prazer masculino. De fato, as mulheres raramente alcançam um orgasmo em um filme pornográfico, estão sim constantemente gemendo de prazer mesmo que nada esteja sendo feito em função deste desfrute. Já o orgasmo masculino é regra no gênero, sendo apresentado na quase totalidade de filmes pornográficos onde há sexo explícito. Também é regra que este se apresente como o fim da relação sexual, o que é unicamente natural na lógica até agora apresentada.

Assim, Giddens entende que “*el pene se convierte de nuevo en el falo, el poder imperial que los hombres pueden ejercer sobre las mujeres*”. Para complementar esse argumento, Giddens perdeu a oportunidade de acrescentar uma reflexão sobre os chamados filmes *Snuff*, apresentados por Gubern como o ápice deste tipo de conduta visual. Um filme *Snuff* é aquele em que, após a relação sexual, a protagonista é assassinada frente à câmera, uma situação explorada no longa-metragem americano *8 milímetros* (1999) de Joel Schumacher.

Em *8 milímetros*, que não é um filme pornográfico, a trama apresenta um detetive particular (Nicolas Cage) contratado por uma idosa que, após a morte do marido milionário, descobre em seu cofre um rolo de filme (cujo formato dá nome a obra) de conteúdo pornográfico *Snuff*. O que atormenta a viúva é a dúvida com relação a ser o assassinato real ou uma encenação. O personagem de Cage penetra no mundo da ‘pornografia bizarra’ deparando-se com muitos filmes *Snuff* para logo descobrir que todos são ficções, com exceção daquele inicial, que resulta ser factual. O defunto marido havia destinado uma enorme quantia de dinheiro para esse fim, e conseguiu que um produtor e um ator pornô lhe prestassem o serviço recrutando uma jovem moradora de rua, à qual propuseram a realização de uma filmagem pornográfica para, ao final, assassiná-la.

A existência factual desse tipo de filme é fortemente contestada, mas a idéia em si serve para ilustrar de forma extremada os conceitos anteriormente expostos. Mesmo sendo farsa, não é apresentada a relação inversa, no caso, a mulher desfrutando do sexo com um homem para depois assassiná-lo. Este homicídio do filme *Snuff* representa mais que a anulação, a própria eliminação da mulher.

A idéia em si vai contra a postura da grande indústria, responsável pela iniciativa bem sucedida de restringir produção de pornografia ao âmbito legal. A conquista da legalidade e a

construção de um público consumidor nos moldes da empresa capitalista contrapõem o estigma reforçado pelo filme de que a pornografia circula periféricamente na sociedade.

Se retomarmos o estudo dos filmes pornográficos sob a ótica da arte cinematográfica, constataremos que estes não fogem a um atrativo comumente encontrado em todos os gêneros: a identificação com o personagem. Portanto, a simpatia esperada pelos mocinhos das grandes aventuras de Hollywood é a mesma, em essência, daquela que emerge no espectador de um filme pornográfico ao ver um 'garanhão' revirando sua parceira submissa. O homem dominador dos filmes pornográficos é um personagem semelhante ao Super-homem dos quadrinhos e do cinema, invulnerável e tão poderoso que contamina o espectador com o sentimento da onipotência, tão prazeroso em ambos os casos.

A isto, juntamos outro fator determinante: o caráter solitário do desfrute desse tipo de material. Vimos já, ter a imagem pornográfica se desenvolvido no sentido de tornar-se um produto destinado ao consumo individual que supõe a masturbação. Ora, a masturbação consiste em um ato comumente associado à intimidade individual. Assim, para os olhos dos outros, nenhum homem adulto se masturba, ou seja, não é uma atividade socialmente compartilhada na idade adulta. Por ser de uso íntimo e velado ao olhar do outro, a imagem pornográfica torna-se apta para explorar vontades socialmente repudiáveis.

Existe uma representação social do que deve ser a atividade sexual - oriunda em sua maior parte da moral religiosa cristã. Esta moralidade sofreu mutação em alguns aspectos e se juntou também com uma nova moralidade civil, construída historicamente com o feminismo, hippieísmo, etc. Esta moral do sexo não foi construída seguindo, como única referência, as vontades eróticas dos homens heterossexuais, está cercada de permissões e negações, de sagrado e profano. Numa sociedade de culto ao indivíduo a integridade moral e física deste é um valor em si mesma.

Os filmes pornográficos exploram justamente este campo aberto, por isso a extensa quantidade de gêneros dentro do gênero. Basta acessar qualquer site que ofereça pornografia para verificar que ali se encontram materiais completamente diversos, classificados por seleções impressionantemente sub-categorizadas. Exemplos:

Amateur, anal, anime, asian, babe, big tits, bizarre, black, blowjob, chubby, couple, cumshot,, facial, fetish, fisting, foot, gay, granny, hairy, hardcore, hooker, housewife, huge cock, interracial, porn Japanese, latina, leather, legs, lesbian, lingerie, midget, oral, orgy, outdoor, pissing, pregnant, secretary, shaved, shemale, shower, skinny, small tits, porn teacher, teen, threesome, toys, uniform, etc.

Nessas sub-categorias temos a apresentação de material considerado *soft-core* e *hard-core*. Esta última, a pornografia dura, igualmente apresenta níveis de violência e ousadia diferenciados. Assim, o consumidor pode escolher segundo seu desejo e também eliminar aquilo que considera repudiável. Portanto, um consumidor de pornografia pode ser tanto um homem que busca a figura erótica de mulheres jovens mantendo relações sexuais, como um aficionado do sado-masoquismo e da tortura, e assim por diante.

Todas essas características apontadas por Giddens e Gubern podem ser problematizadas hoje com a migração quase completa da produção de material pornográfico para a rede mundial de computadores. A extrema facilidade de se buscar esse tipo de material, o baixo custo, a total privacidade (ausência física do outro) e a abundante oferta fizeram com que o público consumidor se multiplicasse e adquirisse novas características. É possível encontrar muito material que ainda siga os padrões apresentados por Gubern e Giddens nas páginas anteriores. Entretanto, testemunha-se o surgimento de novas abordagens visuais movidas pela demanda de novos consumidores de pornografia, entre eles as mulheres. Isto fica claro em sites onde são apresentadas orgias nas quais os homens tomam o lugar exato descrito para as mulheres anteriormente. Embora a violência aqui não se manifeste, isso é verdade, são apresentados homens nus depilados e com óleo no corpo para o deleite de dezenas de mulheres que fazem com eles o que bem entendem. É muito comum a apresentação de orgias de supostos universitários ou festas em piscinas onde as mulheres parecem divertir-se tanto quanto os homens e estão em igual número. As cenas de constrangimento ou violência são pouco comuns nesse tipo de material, o que torna evidente uma mudança gradual na forma como o sexo é apresentado, conseqüência da adesão de um público cada vez mais amplo.

5. A trajetória social da imagem pornográfica

Anteriormente exibida em salas de cinema especializadas, desde o surgimento da técnica cinematográfica, passado mais de meio século para o âmbito doméstico através das edições em fitas cassetes com conteúdo pornográfico destinado à venda e aluguel. Esta é uma trajetória compatível com a do próprio cinema como um todo e seus cento e poucos anos de vida. Hoje, o principal meio de difusão é, sem dúvida, a internet. Esta nova relação complexifica a questão, o consumo passa a não representar necessariamente uma transação comercial, a produção pode ser voluntária.

Não por outro motivo, torna-se a rede mundial de computadores, a principal fonte de material para nossa análise. Com a migração dos veículos anteriores para a internet, a produção e consumo de material pornográfico ganhou também um novo significado. Antes, o consumidor de pornografia era aquele cujo interesse fosse suficiente para impulsioná-lo à compra, sempre intermediada - o que significava um fator restritivo. O simples fato de ter que assumir perante um balconista de um vídeo clube, jornaleiro ou guichê esse desejo de consumo é capaz de brotar no indivíduo o sentimento de vergonha suficiente para impedi-lo de realizá-lo. A vergonha é caracterizada essencialmente pela presença do outro. Ninguém a sente, suponhamos, ao revirar o muco do nariz em um salão vazio, pois a vergonha não está no ato e sim na assimilação do outro ou na possibilidade desta.

Assim, a internet proporcionou o consumo de material pornográfico sem intermediação direta e sem vestígios, o que tornou seu consumidor indiscriminável. Qualquer um pode, perfeitamente, gastar horas de seu dia frente a uma tela de computador a desfrutar do que for e levar esse hábito consigo para a tumba, como se nunca houvesse agido assim.

Portanto, basta estar ‘plugado’ à rede mundial para ser um consumidor de pornografia em potencial, o que abarca um universo de inúmeras possibilidades. A produção viu-se também facilitada, pois qualquer um que possua um aparelho digital receptor de imagens, seja uma máquina fotográfica ou de vídeo, pode fazer o registro de sua atividade sexual e postá-la na rede, também sem mediação alguma, sem nenhum obstáculo social que não o próprio julgamento. A ação da sociedade se dará por meio da coerção incorporada ao indivíduo, não diretamente, através dos demais agentes.

Devemos, no entanto, ressaltar que a facilidade de ‘postar’ material pornográfico e de consumi-lo por meio da internet não explica, por si só, sua consagração. O fato de qualquer atividade se ver facilitada não implica necessariamente em sua consumação, pois o homem, sendo um ser social, não se vê tentado a executar qualquer ação pelo simples fato de esta lhe ser possível. Toda ação humana, realizada em sociedade, é provida de sentido pelos agentes que a engendam e assim também é o consumo de material pornográfico.

Através do sítio de busca *Google* é possível deparar-se com uma quantidade infinita de material pornográfico sem que se apresente dificuldade alguma. Não é necessário estar por dentro da linguagem do gênero, ou ter tido qualquer contato prévio, basta iniciar a busca pela palavra *porn* e inúmeros sítios surgirão na tela.

Os sítios dedicados à exposição de material pornográfico são, na maioria das vezes, portais para outros sítios, formando uma enorme teia de endereços entrelaçados. É praticamente uma regra a subdivisão do material ou dos sítios apresentados em subcategorias que obedecem a fetiches específicos e múltiplos como já foi apresentado anteriormente. Assim, em um mesmo sítio encontramos material de todo calibre.

Ao contrário dos famosos filmes pornográficos do final da década de setenta, como *Garganta Profunda* (1972), que apresentavam uma estética própria de um novo gênero cinematográfico, com ênfase no estrelato dos protagonistas próprio da indústria áudio-visual dos EUA, o material encontrado hoje na internet preza, acima de tudo, o amadorismo. Entretanto não são, em sua maioria, amadores e sim filmes do tipo *Gonzo*. Este gênero imita o amadorismo e tem ganhado maior corpo que os demais. O batismo vêm do próprio campo da produção pornográfica

Embora ainda existam grandes produtoras e um *star system* vigente, inclusive no Brasil, embora a predominância seja também das produções do tipo *Gonzo* (simulando amadorismo). Os vídeos encontrados nesses sítios pretendem passar a impressão de tratar-se de um ato espontâneo. As equipes de filmagem se limitaram a um único homem a segurar a câmera, que muitas vezes sequer usa um tripé. As temáticas poucas vezes incluem qualquer tipo de enredo. Como muito existe o pretexto de uma festa. Ainda encontramos, é verdade, material regido pelas normas estilísticas da pornografia cinematográfica: personagens como secretárias e enfermeiras podem ser encontradas em pequenos vídeos, onde há cenário, iluminação própria etc. São, no entanto, cada vez mais escassos. As imagens mais convincentes são as que comprovam com maior sucesso seu desvinculo com o padrão pictórico de produção anterior.

Trata-se aqui do fetiche, muito comum hoje, do *voyeurismo*. A necessidade de provar a veracidade do ato sexual sempre esteve presente nos diferentes filmes e imagens pornográficos do tipo *hardcore*, a penetração deve sempre se mostrar factual e não encenada, assim como o orgasmo masculino, daí as constantes tomadas de ejaculação visível, ou seja, fora da mulher.

Em algum momento a exibição de sexo explícito, comprovado pelas incontestáveis tomadas de penetração, deixou de ser suficientemente “real” para o consumidor de pornografia. Não que a relação sexual entre, neste caso, em descrédito, mas o simples fato de se apresentar como uma ficção, ou seja, uma cena dramatizada com personagens, figurino, platô, torna a imagem pornográfica menos atraente para seu novo público consumidor. Na nova pornografia presente na internet, não só o sexo deve ser factual, como todos os componentes da imagem devem dar a entender que o que se vê é um fragmento da realidade, que o sexo é espontâneo, não baixo contrato, que poderia ser você o homem/mulher da transa.

Os vídeos difundidos na internet tendem sempre a apresentar essas características, podendo ou não ser de fato amadores. As grandes produtoras de filmes pornográficos, que ainda seguem o formato anterior e vendem títulos no mercado de DVDs, mesmo elas já incorporaram em parte a nova linguagem, deixando em evidencia “o homem da câmera”, ao invés de tentar torna-lo invisível, e praticamente eliminando os roteiros dramáticos, limitando-se a cenas de sexo seguidas uma da outra e iniciadas com um pretexto qualquer, um estopim que dura na tela poucos segundos, partindo logo para o coito. No novo material encontrado na internet, este estopim já foi eliminado, e temos na maioria dos casos a apresentação de imagens do coito já iniciado. As pessoas já surgem à tela despidas, já iniciado o ato sexual, sem pretexto algum. No entanto, estas imagens se mostram mais reais do que aquelas onde o sexo aparece com uma justificativa dramatizada. Ela é mais verídica para o espectador por não ser, à primeira vista, fruto de um trabalho em estúdio, profissional, assim como o *Big Brother* é mais atraente para o novo público de televisão do que foi a novela ou o seriado enlatado um dia.

Outro aspecto da nova pornografia encontrada na internet é a internacionalização da estética, visíveis nos corpos e na própria atividade sexual apresentada. Torna-se cada vez mais difícil determinar a origem das imagens apresentadas nos sítios. Na pesquisa realizada para a elaboração deste texto foi analisado material pornográfico proveniente de sítios tanto em inglês como em português, sem que se encontrasse grande variação no conteúdo das imagens. De fato, os vídeos são mais ou menos os mesmos, já que os sítios funcionam apenas como canais de divulgação de fotos e vídeos pornográficos provenientes de qualquer parte do mundo. As subcategorias também são, em geral, as mesmas, sendo, no caso dos sítios brasileiros, rigorosas traduções daquelas elaboradas nos sítios anglos.

No Brasil, a pornografia leve ou *softcore* teve um papel importante na cinematografia com os títulos relacionados à pornô-chanchada, gênero que, após ter representado quase a totalidade do cinema nacional economicamente sustentável, caiu no esquecimento. A indústria pornográfica brasileira é ainda vigorosa e produz vários títulos do gênero duro ou *hardcore* por ano, tendo recentemente adotado com sucesso um novo *starsystem* ao lançar filmes

protagonizados por celebridades como Rita Cadillac, que ganhou fama como vedete nos anos oitenta.

Estas produções brasileiras seguem o modelo tradicional, com roteiro, platô, luz própria, etc. Já os sítios brasileiros na internet não se caracterizam por expor a pornografia nacional. Isso não quer dizer que sejam iguais aos sítios em língua inglesa, a abordagem pode se mostrar diferente em alguns casos. Há, por exemplo, a presença de humor e as cenas que podem ser consideradas violentas ganham ainda menos protagonismo. Giddens certamente gostaria de observar essa menor frequência de cenas de submissão, sendo o Brasil um país onde as relações de gênero poderiam ser consideradas mais tradicionais do que nos EUA ou Europa, o que não necessariamente é verdade.

As diferenças culturais aparecem em questões como raça, tendo a esta um lugar importante na pornografia em sítios norte-americanos e não nos brasileiros. Nos sítios brasileiros pesquisados, uma mesma imagem que noutro sítio americano aparece como *inter-racial*, pode ser apresentada como “tomando na bundinha”. Os vídeos e fotos que circulam na rede são, por vezes, os mesmos, mas a sua leitura pelos diferentes agentes não é a mesma. Uma cena de sexo entre um negro e uma loira para um americano é, antes de tudo, uma transgressão a valores relativos a uma tradição quanto à separação racial. A mesma cena no Brasil não terá essa conotação. Nos sítios brasileiros existe, em muitos casos, uma ligação entre pornografia (com material provindo de todo o mundo) e fotos de celebridades nuas, retiradas de revistas masculinas de grande circulação, o mesmo não ocorre nos sítios americanos, embora a principal destas revistas, a *Playboy*, tenha origem norte-americana.

6. Conclusão.

O trabalho aqui presente terminou por subdividir-se em três tópicos:

- A crítica à análise moralista da pornografia
- O lugar da pornografia como gênero cinematográfico
- O consumidor de pornografia e a natureza deste consumo

Estas diferentes análises convergem em um ponto que, para nós, será o catalisador para uma possível compreensão maior da questão, ainda por ser elaborada. E o ponto de partida é este: a pornografia racionaliza e re-significa ações e propulsões sexuais inatas. Entretanto sua ligação com a biologia para por aí. Trata-se, em verdade, de um construto sócio-histórico possível, nestes termos, apenas como resultado do sistema de produção capitalista e da moral burguesa. O sexo espetáculo faz parte do mesmo movimento de expansão da indústria do entretenimento, atendendo a uma demanda que não emerge a superfície com tanta facilidade, mas que não por isso é menos presente.

A exposição de pornografia na internet é, a esta altura, imensurável e se renova a cada instante. O fenômeno é complexo, pois extrapola as lógicas do mercado e diz tanto a respeito deste como de inúmeros outros aspectos da vida social. O sentido que os agentes dão para a

busca e consumo deste material pode ser variado, mas creio que chegamos aqui a alguns pontos. A racionalização da atividade sexual auto-estimulante, a masturbação, está intrinsecamente ligada ao lugar social do material pornográfico. Sua demanda não pode ser estudada por uma via biologicista, por mais que o coito e o desejo sexual sejam em si atos biologicamente justificáveis. São coisas distintas, o ato natural ligado à reprodução e a construção social da idéia de sexo. Por isso a falta de conexão temática da pornografia com a reprodução, como ressalta Gubern, que se impressiona pelo fato de raramente uma personagem em uma trama pornô ficar grávida.

A postura engajada de Russel vincula o tema a luta política pela reivindicação de direitos relativos a questões de gênero, mas representa uma barreira para nosso tipo de estudo. Entender a imagem pornográfica como resultante da ordem social burguesa é aceitá-la como parte de nossos inúmeros vínculos em sociedade. Não se pode dizer que a pornografia é anti-social, aliás, nada gerado em sociedade pode ser anti-social.

A teorização feita por Giddens sobre a recuperação do falo através da pornografia violenta, em uma sociedade em que os sexos estão cada vez mais equiparados, parece-me também limitada, embora útil. Certamente podemos, através dela, explicar o desenrolar que a produção de material pornográfico por vezes toma. Gubern chama a atenção para a existência de filmes *Snuff*, e creio que a lógica de Giddens cai aqui como uma luva. No entanto, a violência não é o principal aspecto ou atrativo da imagem pornográfica para o seu consumidor e os filmes desse tipo, caso existam de fato, não são representativos do corpo de produção-consumo de material áudio-visual pornográfico. Parece claro, após a análise dos sítios dedicados ao tema na internet, que o público demandante confere maior importância a outros aspectos, como o *voyeurismo* e a auto-identificação/auto-imagem. Assim, não tardou muito para o material se adaptar também as demandas de um público feminino, o que contraria a suposta natureza machista da pornografia.

No Brasil, a confecção de vídeos pornográficos ganha destaque com o surgimento de novos protagonistas reconhecidos socialmente como célebres, oriundos da televisão, embora a maior parte da produção seja do tipo *Gonzo* (simulação de amorismo). Os sítios de relacionamento estão repletos de pornografia amadora e as ruas do centro do Rio de Janeiro se mostram, por vezes, como verdadeiras vitrines de títulos com o comércio informal de rua onde são vendidas cópias “piratas” de vídeos nacionais e estrangeiros. É possível que o debate em torno da pornografia venha a se desenvolver com mais força nos próximos anos se o seu consumo continuar a emergir à superfície das relações sociais, como vem acontecendo. 🌐

NOTAS

* Aluno do 5º período de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: matiaslopez.uy@gmail.com

[1] Ricciotto Canudo, autor italiano, é o autor da idéia de sexta arte (não sétima) em *La naissance d'un sixième art* (1911) sete artes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Giddens, Anthony. **La transformación de la intimidad, sexualidad, amor y erotismo em las sociedades modernas.** Cátedra Madrid 2004.

Gubern, Román. **La imagen pornográfica y otras perversiones ópticas.** Editorial Anagrama, Barcelona 2005.

Gubern, Román. **El laberinto digital** in *Del Bisonte a la realidad virtual.* [S.l.: s.n]

Nagrib, Lúcia. **O império dos sentidos.** In: Folha conta 100 anos de cinema, organização Amir Labaki, Imago editora, Rio de Janeiro 1995.

Noriega, J.L.S. **Historia del cine, teoria y gerenos cinematográficos, fotografia y televisión.** Alianza Editorial, Madrid 2002.

Russel, Diana. **Against Pornography: The Evidence of Harm.** Berkeley, California: Russell Publications, 1994.

Zillman, Dolf e Bryant, Jennings. **Pornography: Research, advances and policy considerations.** Lawrence Earlbum Associates, Arlington, 1986.

Filmes citados

“Barbarella”; de Roger Vadim; EUA, 1968.

“Garganta profunda”; de Gerard Damiano; EUA, 1972.

“O império dos sentidos”; de Nagisa Oshima; Japão / França, 1976.

“Oito Milímetros”; de Joel Schumacher; EUA, 1999.